

ISBN 978-972-798-469-5
9 789727 984695 >

ANA PAULA ARNAUT
Organização

AS PALAVRAS JUSTAS
ENSAIOS SOBRE LITERATURA E DIREITO

CLP
FLUC
MC

ANA PAULA ARNAUT

Organização

AS PALAVRAS JUSTAS

ENSAIOS SOBRE
LITERATURA E DIREITO



Centro de Literatura Portuguesa
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
| MinervaCoimbra

CLP
Centro de
Literatura
Portuguesa

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



| MinervaCoimbra

AS PALAVRAS JUSTAS

ENSAIOS SOBRE
LITERATURA E DIREITO

Organização

Ana Paula Arnaut

TÍTULO AS PALAVRAS JUSTAS. ENSAIOS SOBRE LITERATURA E DIREITO
ORGANIZAÇÃO Ana Paula Arnaut
COMPOSIÇÃO Jorge Neves
IMPRESSÃO EDM/Ngray
ISBN 978-972-798-469-5
DEPÓSITO LEGAL 472162/20
1.ª EDIÇÃO Julho de 2020
EDIÇÃO MinervaCoimbra
DISTRIBUIÇÃO Ngray, Lda. – Torre do Arnado, Rua João de Ruão, n.º 12 – 1.º
3000-229 Coimbra, Portugal · Telef. +351 927224974
minervacoimbra@gmail.com · www.minervacoimbra.pt

© Copyright Ana Paula Arnaut e MinervaCoimbra.
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Edição financiada pela Associação Portuguesa de Escritores Juristas.

| MinervaCoimbra

SUMÁRIO

NOTA DE ABERTURA	15
<i>Ana Paula Arnaut</i>	
FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA, “CLERICUS COLIMBRIENSIS CIVITATIS, UTRIUSQUE IURIS DOCTOR”	23
<i>Rita Marnoto</i>	
GARRETT: SONHANDO COM LIBERDADE E JUSTIÇA	37
<i>Sérgio Nazar David</i>	
ANTERO DE QUENTAL: OS “COMBATES ETERNOS DA JUSTIÇA”	55
<i>Rosa Maria Goulart</i>	
O “APARATO GÓTICO DA LEI”: EÇA DE QUEIRÓS E O DIREITO	65
<i>Carlos Reis</i>	
A COMARCA CELESTE E A ESTRANHA LEGAÇÃO DE ANTÓNIO NOBRE	79
<i>José Carlos Seabra Pereira</i>	
CAMILO PESSANHA, ALUNO DE DIREITO DE COIMBRA E JURISTA	103
<i>Rui de Figueiredo Marcos</i>	
OUTRA FÁBULA DO LEÃO E DO CORDEIRO, OU O ADVOGADO E O POETA EM PASCOAES	113
<i>José Carlos Seabra Pereira</i>	
ALFREDO GUISADO, ESCRITOR E POLÍTICO <i>DOCTOR</i> EM DIREITO	129
<i>Carlos Pazos-Justo</i>	

ORLANDO DE CARVALHO, JURISTA E POETA.	147
<i>José Manuel Mendes</i>	
MARIA GABRIELA LLANSOL E A SOMBRA DAS COISAS	157
<i>Pedro Eiras</i>	
ANTÓNIO OSÓRIO, UM CONCERTO DE LUZ E FELICIDADE	171
<i>Isabel Maria Santos Lopes</i>	
ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO: INTERROGAR A VIDA (ROMAGEM A CRETA, UM INFINITO SILÊNCIO, O DISCURSO DA DESORDEM)	187
<i>Maria António Hörster</i>	
“FORMADO EM DIREITO E SOLIDÃO” – O OLHAR OBLÍQUO NA POESIA DE PEDRO TAMEN	221
<i>Cristina Firmino Santos</i>	
ANTÓNIO ARNAUT: A PALAVRA, O TEMPO E A JUSTIÇA.	235
<i>Delfim F. Leão</i>	
ARMANDO SILVA CARVALHO: O FALSO ANTÍGONO OU DA DESOBEDIÊNCIA POÉTICA.	259
<i>Joana Matos Frias</i>	
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS: DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA À MISTERIOSA CLARIDADE DA POESIA	275
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	
JOSÉ LABORINHO LÚCIO: DAS LEIS E DO AMOR PELAS COISAS BELAS.	295
<i>José Vieira</i>	
JURISTA A CONTRAGOSTO: UMA LEITURA DE MÁRIO CLÁUDIO	313
<i>Carlos Ascenso André</i>	
A POESIA DE RUI NAMORADO: A “HESITAÇÃO DOS SÉCULOS” OU O “NAUFRÁGIO NO TEMPO”	335
<i>António Pedro Pita</i>	

SOUSA DINIS E OS CAMINHOS DA JUSTIÇA	349
<i>Maria Aparecida Ribeiro</i>	
VASCO GRAÇA MOURA: FRONTE E SIRMA, LAOCOONTE, RIMAS VÁRIAS, ANDAMENTOS GRAVES.	365
<i>Maria Bochicchio</i>	
MÁRIO DE CARVALHO RELATOR DAS ‘SUBTILEZAS’ DA JUSTIÇA.	381
<i>Maria de Fátima Silva</i>	
JOSÉ MANUEL MENDES: ENTRE O REALISMO E O LIRISMO	411
<i>Miguel Real</i>	
DE JOSÉ DE FARIA COSTA A FRANCISCO D’EULÁLIA: O DIREITO À POESIA.	419
<i>Cristina Robalo-Cordeiro</i>	
O ERRO DE RENAN: JULIETA MONGINHO E O DIREITO COMO LITERATURA	431
<i>Isabel Cristina Rodrigues</i>	
O INACABADO NASCIMENTO – OU O EXCESSO MÍNIMO DA POESIA DE ANA MARQUES GASTÃO	449
<i>Graça Capinha</i>	
REPRESENTAÇÃO DO DIREITO NA OBRA FICCIONAL DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO	465
<i>Agripina Carriço Vieira</i>	
DO DIÁLOGO DO ESCRITOR COM O ADVOGADO NA FICÇÃO DE PEDRO GUILHERME-MOREIRA	481
<i>Agripina Carriço Vieira</i>	
UMA “EPIFANIA SÓBRIA”: VIDA E ESCRITA EM PEDRO MEXIA	493
<i>Paulo Alexandre Pereira</i>	

ALFREDO GUISADO, ESCRITOR E POLÍTICO
DOUTOR EM DIREITO

CARLOS PAZOS-JUSTO

Galabra-UMinho
Centro de Estudos Humanísticos

De uma perspetiva panorâmica, o percurso do sistema literário português do século XX está marcado pelo surgimento de diversos movimentos literários, com os seus nomes e repertórios, dentre os quais, parece ponto assente, destaca-se o Grupo do *Orpheu*, com Fernando Pessoa, indiscutivelmente, à cabeça. Note-se, em todo o caso, que o reconhecimento amplo, a nível nacional e significativamente internacional, da proposta *órfica*, nomeadamente do autor dos heterónimos, é bem posterior à constituição e intervenção do grupo; só em fins da década de 30 do século passado, e com protagonismo de José Régio, A. Casais Monteiro ou Gaspar Simões da coimbrã *Presença*, é que o primeiro modernismo português começa pouco e pouco a ver a luz fora da periferia do sistema literário português em que tinha ficado (cf. Torres, 2007: 351-352). Progressivamente, até a atualidade, o *fenómeno Pessoa* adquiriu uma dimensão notável, para o qual contribuiu ainda o influente reforço exterior que supôs a ampla visibilidade internacional do autor após a publicação do *Livro do Desassossego* em 1982, acontecimento temporalmente prévio à transladação dos seus restos mortais para o Mosteiro dos Jerónimos, junto de Luís de Camões¹ e Vasco da Gama. A dia de hoje, Fernando Pessoa,

¹ Cabe até problematizar a primazia no sistema literário português, como apontou Eduardo Lourenço (1993: 9): F. Pessoa é “um dos mais estranhos espíritos do século XX [que] se converteu num *mito*” e “[p]ode discutir-se se Fernando Pessoa é ou não, com Camões, ‘o maior’ poeta de língua portuguesa” (Lourenço, 1993: 11).

para além do literário, funciona como um elemento icónico de Lisboa/Portugal, também, diga-se de passagem, em uso no âmbito da indústria turística².

O referido até aqui ajuda em alguma medida a compreender a posição atual de Alfredo Guisado no campo literário português (e noutros). *Assombrado* pelos grandes vultos do primeiro modernismo português, Fernando Pessoa particularmente, a sua visibilidade é escassa ou episódica. Sinteticamente, podemos caracterizar a sua posição atual, numa perspetiva diacrónica, como determinada, em primeiro lugar, pelo estado do campo literário português, nomeadamente no relativo aos processos de heteronímia do próprio campo. É preciso anotar aqui o facto de Alfredo Guisado, antigo deputado do Partido Republicano Português, *militar* a partir de 1926 na oposição democrática ao regime autoritário, do qual é indício bastante a documentação dos serviços secretos portugueses, habitualmente conhecidos sob a denominação PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a respeito das suas atividades (cf. *infra*)³. Em segundo lugar, é possível identificar uma tendência quase geral de analisar produtor e produção sob o *prisma pessoano*⁴ (também em função da ascendência de Mário de Sá-Carneiro), sempre numa relação manifestamente hierárquica.

² Se até há relativamente pouco tempo, F. Pessoa não tinha quase visibilidade (face o caso de Luís de Camões) em produtos como os guias turísticos (Martínez Tejero, 2018), na atualidade o visitante tem a possibilidade de conhecer *Lisboa com Fernando Pessoa* (vid., por exemplo, <https://lisboaaautentica.com/passeio/lisboa-com-fernando-pessoa>); o qual, para além de outras considerações possíveis, dá ideia da fortaleza que produtor e produção alcançaram no campo cultural português.

³ Abordei esta e outras questões acerca da trajetória guisadiana em Pazos Justo, 2015.

⁴ Exemplar, nesta direção, é o entendimento de Gaspar Simões (1959: 519) para o pseudónimo guisadiano *Pedro de Menezes*: “A adoção do pseudónimo, sob o qual publicará ainda *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A Lenda do Rei Boneco* e os versos galegos de *Xente de Aldea* (1912), parece obedecer a um propósito. Graças a ele, pensava, talvez, o poeta ter procedido a uma dessas ‘duplicações de personalidade’ que Fernando Pessoa operava tão facilmente em si próprio e que tão a gosto estimulava nos companheiros”.

O qual, em síntese, permite afirmar que Alfredo Guisado tem sido convocado como um *poeta menor*⁵, mormente se comparado com os outros *órficos*.

Se no campo de estudos português Alfredo Guisado passa por ser entendido como um produtor menor, *esquecido* ou até *injustamente esquecido* (Lopes, 1973: 715), no campo de estudos galego (cf. *infra*) o adjetivo mais comum para caracterizar produtor (e produção) é *desconhecido*. É esta a tese, por exemplo, do trabalho “Un poeta galego desconhecido”, da autoria de Issac Alonso Estravis (1980) que foi, em verdade, publicado com pequenas variantes em três ocasiões (se se incluir a entrada Alfredo Guisado da *Gran Enciclopedia Gallega*, quatro) a primeira em 1980 e a última de que temos notícia em 2002.

Ora, o caso de Alfredo Guisado é especialmente singular se atendermos à sua origem social e às posições que vai ocupando sucessivamente, também em função do curso de Direito que finaliza em inícios da década de 20 do século passado.

Origens e percursos

O percurso da família de Alfredo Guisado (Lisboa, 30/10/1891 – 30/11/1975) está estreitamente vinculado ao fenómeno migratório galego cujo destino foi Portugal ou mais concretamente Lisboa. No caso da família Guisado, como no de outras muitas do sul da Galiza, o recurso à emigração para Portugal como uma *forma de vida* parece vir de longa data. Segundo Domingo González Lopo (2013: 82) já em 1745 “se atiende en la enfermería de San Vicente del Hospital de Todos-os-Santos de Lisboa a Francisco Guisado, natural de aquella parroquia [Santa Marinha de Pias, Ponte Arêas, a mesma paróquia de origem do

⁵ António Ventura (1995: 260; itálicos meus), por exemplo, não duvida em afirmar que Alfredo Guisado “é uma figura um pouco *esquecida*, um pouco *lateral* e, como poeta, talvez não seja de primeira grandeza”.

pai de Alfredo Guisado], *mosso do saco*". Por outro lado, as notícias que temos acerca do Restaurante Irmãos Unidos, gerido por António Venâncio Guisado (pai de Alfredo Guisado) entre 1880 e 1932 remontam a 1832 (Santana e Sucena 1999: s. v. "restaurantes; Irmãos Unidos"). Apesar da longevidade da relação dos ascendentes de Alfredo Guisado com Lisboa como destino migratório, em Alfredo Guisado e na sua família em geral, parece estaria inscrito o fenómeno migratório com alguma naturalidade; para a família Guisado, como para muitos outros emigrantes galegos em Lisboa, emigrar implicava dispor de dois espaços que lhes seriam próprios: o lugar de residência e trabalho e a terra das *origens*, com a qual mantêm importantes vínculos⁶. Além das ligações afetivas que as diferentes gerações iriam transmitindo aos descendentes assim como as sazonais visitas metropolitanas, a *lealdade* para com a metrópole dos Guisado (e doutras famílias do enclave lisboeta) nutre-se também dos benefícios não materiais que o contacto efetivo com a terra de origem traria em função dos capitais acumulados em Lisboa. Estas redes assim como a rica economia familiar irão permitir ao jovem Alfredo Guisado intervir em vários campos a seu alcance.

Enceta desde bem cedo o seu percurso enquanto escritor e jornalista em *El Tea* (de 1911 data o primeiro poema, "Noites de inverno", *El Tea*, 6/01/1912, p. 1), publicação republicano-agrarista da terra das *origens*. Em *El Tea*, para o qual Alfredo Guisado é em 1912 um "joven e ilustrado poeta português" (*El Tea*, 20/07/1912), sob o pseudónimo Refaldo Brila, exerce labores de correspondente em Lisboa entre 1913 e 1914, publicando artigos de conteúdo diverso sobre acontecimentos lisboetas. É também este o palco onde fica patente a intervenção *agrarista*⁷ de

⁶ Vínculos que parte da família Guisado ainda mantém na atualidade.

⁷ Uma definição possível do *agrarismo* é, seguindo o historiador Miguel Cabo (Cabo Villaverde, 1998: 11):

complexo movimento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campesinado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas á consecución dun amplo abano de metas que principalmente poden se resumir en dúas aspiracións:

Alfredo Guisado durante quase toda a década de 10. Ao longo de 1912 e 1913 a colaboração de Alfredo Guisado em *El Tea* será muito intensa até o ponto de publicar mais de 30 poemas, dos quais apenas um número restrito aparece reproduzido no primeiro volume publicado pelo autor, *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913, Lisboa). Entre esta data e 1921, publica quase um livro de poemas por ano, graças fundamentalmente ao apoio económico familiar⁸.

Desde inícios de 1914, começa a intervir no campo literário português ao lado dos membros do grupo de *Orpheu* em formação. Assim, por exemplo, intervém, em fevereiro desse mesmo ano de 1914, na revista *Renascença*. Dois meses mais tarde, Alfredo Guisado publicará o seu segundo livro de poemas *Distância*, dedicado significativamente a António Ferro, António Ponce de Leão, Augusto Cunha, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Além de constatar o facto de Alfredo Guisado se encontrar a par das iniciativas do grupo, i.e., dos seus *ismos*, dos seus projetos como o da revista *Europa*, a "Antologia do Interseccionismo"⁹ ou do também não nato *Arco de Triunfo*¹⁰, bem como da heteronímia pessoana, há dados bastantes a indiciar o papel de Alfredo Guisado no seio do Grupo do *Orpheu* como um dos financiadores das iniciativas do mesmo (e quiçá do

a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista cada vez mais invasiva, e a articulación política dos intereses do campesinado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais.

⁸ Alfredo Guisado publicou em vida: *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913), *Distância* (1914), *Elogio da Paisagem* (1915), *As Treze Baladas das Mãos Frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ánfora* (1918), *A lenda do Rei Boneco* (1920), *Xente d'a Aldea. Versos Gallegos* (1921), *As Cinco Chagas de Cristo* (1927), *Tempo de Orfeu* (1969) e *A pastora e o lobo e outras histórias. Contos para as crianças* (1974).

⁹ Alfredo Guisado, segundo uma carta que F. Pessoa envia a Côrtes-Rodrigues (a 4/10/1914), iria intervir também na citada "Antologia do Interseccionismo" com "Poesia e prosas" (Pessoa, 1999: 127).

¹⁰ "Atribuído a Álvaro de Campos, é um dos livros que figuram num projecto de publicação elaborado ao mesmo tempo de *Orpheu*, e que incluía, além dos três heterónimos e do ortónimo, Sá-Carneiro e Alfredo Guisado" (Martins, 2008: s.v. "*Arco de Triunfo*").

próprio Fernando Pessoa) (cf., por exemplo, Silva, 2001: 247). Alfredo Guisado participa igualmente no primeiro número da *Orpheu*, de março de 1915, financeiramente, enquanto administrador e com treze sonetos mais tarde recolhidos no seu livro *Ânfora* (1918).

Todo parece indicar que o rechaço frontal, maioritário, do campo literário português da altura à proposta *órfica* (*Orpheu* 1 e *Orpheu* 2, fundamentalmente) compromete e mesmo impede a consolidação do Grupo do *Orpheu* e vai, em última instância, comprometer o envolvimento de Alfredo Guisado que passa a assinar as suas intervenções literárias com o pseudónimo Pedro de Menezes.

Após o intenso envolvimento no Grupo do *Orpheu* e o posterior distanciamento deste, o percurso guisadiano, sem implicar uma renúncia definitiva à intervenção literária (sim um progressivo distanciamento a partir da década de 20), está marcado pelo seu crescente interesse pelo campo político, mormente em Portugal mas também em sintonia com os postulados dos galeguistas metropolitanos. Alfredo Guisado, membro na altura da Liga da Mocidade Republicana, vai sucessivamente ocupando posições no campo político e como tal começa a ser reconhecido no espaço público lisboeta. Segundo a informação manejada, da Junta de Freguesia dos Restauradores passaria depois a ser o Presidente do Conselho-Geral das Juntas de Freguesia de Lisboa e, mais à frente, da Federação das Juntas de Freguesia de Portugal; foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e ocupou também o cargo de vice-presidente da Câmara de Lisboa (cf., entre outros, Camelo, 1996: 8); entre 1922 e inícios de 1923, exerceu de Governador Civil substituto de Lisboa. Politicamente, Alfredo Guisado atinge a posição de maior relevância em 1925, aquando da sua eleição, pelo círculo eleitoral de Lisboa Oriental, como deputado à Assembleia da República (08/11/1925-31/05/1926).

O interesse pela política não se esvaiu com a instauração do regime autoritário, alguns anos depois Estado Novo, antes pelo contrário. Todo parece indicar que o republicanismo de signo democrático estaria bem firmado no produtor em foco e em função dele é que intervém nos anos e

décadas a seguir, nomeadamente a partir das páginas do jornal *República*. Indício forte da posição que passa a ocupar politicamente após o golpe de estado, é o facto de ver-se envolvido nos “Preparativos para uma revolta”, como intitulava *O Século* (16/06/1928, p. 1), motivo pelo qual Alfredo Guisado passaria pela prisão e depois seria libertado (cf. imagem em *infra*); no interrogatório teria reconhecido formar parte dos quadros do Partido Republicano Português sem, no entanto, ter participado em quaisquer movimentos revolucionários. O incidente, sem aparentemente maiores consequências materiais ou físicas, encena nitidamente, porém, a posição à que agora estava confinado o produtor em foco no campo político (e cultural) português até praticamente o fim da sua vida.

3

POLICIA DE INFORMAÇÕES
do
MINISTERIO DO INTERIOR

AUTO DE PERGUNTAS

Em desgracia de Junho ----- de mil novecentos e vinte e oito --- nesta cidade de Lisboa e Repartição de Polícia de Informaçoes do Ministerio do Interior, onde se acha o Exceleximario Senhor Tenente José do Passo, Director Adjunto ---

----- Comissario de mesma Polícia, comigo José Nunes d'Almeida, agente da Polícia de Investigaçao Criminal ----- servido de escrivão; aqui compareceu Alfredo Guisado ----- que diz ser filho de Antonio Venancio Guisado ----- e de Benedicta Guisado ----- ter trinta e seis --- anos, de profissão Advogado ----- natural de Lisboa ----- e residente no Largo da Graça numero quatro terceiro andar direito -----

----- A matéria dos autos disse: Que faz parte, como agregado, do Directorio do Partido Republicano Portugues e como tal assiste a algumas reunioes do mesmo Directorio, que costumam efectuar-se na sua sede. Que nas reunioes a que tem assistido apenas se tem tratado na presenca de respondente de assuntos que se prendem com o cndactro partidario e com a assistencia ás familias dos presos e deportados politicos. Que não occuparia nem tem occupado contra a actual situação, do que

está pronto a assinar uma declaração sob sua honra e, se tanto fôr preciso e se o Governo assim o entender, a afastar-se de Portugal, onde não voltará se não com expressa autorização do Governo. E mais não respondeu. Lidas as suas respostas as achou conformes e vai assinar com o Director Adjunto e comigo que as dactilografar.

J. M. de Passo
Tenente
Director Adjunto

Seja posto em liberdade.
Em 16 - 6 - 1928
O Delegado Especial
Eusebio Barroso
1928

Significados do Dr. Guisado

No meio lisboeta da altura, as famílias de emigrantes galegos abastados, investiam na formação dos descendentes como mais uma estratégia para progredir socialmente, acedendo assim, na prática, a novas possibilidades laborais e de outro tipo geralmente interditas às gerações anteriores (González, 2013). Os planos da família Guisado para o autor em foco seriam bastante ambiciosos se atendermos o que indicava a revista galega *Vida Gallega* (31/05/1910), em crónica dedicada à família Guisado:

Sus hijos reciben una esmerada instrucción en los centros docentes de la capital, obteniendo en sus exámenes notas de significado aprovechamiento. Así es que el joven Alfredo Pedro, luego que concluya sus estudios preparatorios, se trasladará a Bélgica ó Alemania para seguir la carrera de ingeniero de industrial.

Quanto aos estudos, sabemos que Alfredo Guisado (provavelmente também o irmão António) estudou as *primeiras letras* em casa com um professor particular. Aproximadamente entre 1905 e 1911, continuou estudos no Liceu do Carmo, considerado um dos mais prestigiosos na capital lusa na altura (Castex, 1971: 57), em virtude do qual, é frequentado pelos filhos de famílias abastadas como é o caso, em maior ou menor medida, de alguns dos seus amigos: Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), António Cardoso Ponce de León (1891-1918), António Ferro (1895-1956) ou, presumivelmente, Augusto Cunha (1894-1947). Uma vez acabados os estudos liceais, trabalhou no restaurante do pai durante algum tempo, pois como confessou à namorada, Maria Guilhermina Ferreira (mais tarde sua esposa), por várias vezes, Alfredo Guisado não parece muito atraído pelos estudos; assim, por exemplo (a 21/06/1918):

falas-me dos estudos. Cá vou arrastando a pesada cruz ao Calvário. Sempre fui, bem o sabes, um cábula incorrigível, aborreceram-me sempre os livros e deixava sempre para as

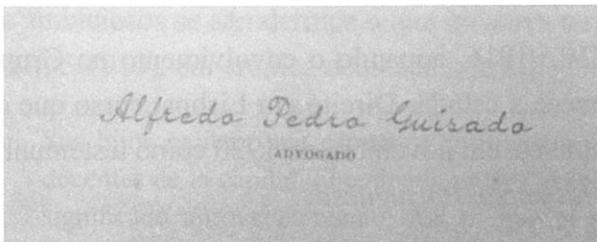
vésperas do exame o estudo. Mais uma vez assim aconteceu e eis porque mais me custa, mais me cansa, parecendo que os livros teem feitiço pois nunca mais consigo chegar ao fim dêles. Parece que as páginas e as fôlhas se multiplicam. Tenho, é claro, continuado com aquela fôrça com que comecei, há pouco mais dum mês e tenho muitas esperanças de não ser derrotado; vamos a ver [...] O programa é vastissimo e o tempo é pouco.

No ano 1915/1916, aquando o envolvimento no Grupo do *Orpheu* (cf. *infra*), começa a estudar Direito em Lisboa, curso que completa, não sem alguns entraves, em novembro de 1920 como testemunha a fotografia publicada na *Ilustração Portuguesa*:



Ilustração Portuguesa, 29/01/1921

O dia em que finaliza escreve à namorada, Maria Guilhermina Ferreira (a 24/11/1920): “Eram cinco e meia da tarde quando hoje acabei o acto grande. Finalmente livre. Já não podem duvidar os que se riam quando lhes falavam na minha formatura. Deu-me trabalho, é certo, mas foi êste acto até um dos melhores que fiz”. E no dia seguinte, com indisfarçável orgulho, Alfredo Guisado envia o seguinte cartão impresso à namorada:



Cartão enviado à namorada por carta (a 25/11/1920)

Esta cartão não espelha, no entanto, o caminho profissional de Alfredo Guisado. Em função dos dados disponíveis, o autor em foco não se dedicou profissionalmente à advocacia, mas sim ao jornalismo, meio no qual chegaria a ser diretor-adjunto do jornal *República*.

Os motivos pelos quais Alfredo Guisado frequenta a universidade prendem-se com as lógicas mais acima apontadas: a vontade explícita dos pais por verem os filhos com diploma universitário, como indica a carta que envia a M. G. Ferreira a 25/07/1916 (itálicos meus):

Sabes perfeitamente que não estou à espera de me formar em Direito para arranjar um emprêgo. O tirar êste curso, *obedeceu primeiro ao querer cumprir um desejo que meus pais tinham de que seguisse uma carreira qualquer*, e hoje obedece também ao eu querer oferecer à minha querida Mariazinha essa minha carreira. Mas para isso o mesmo é que esteja solteiro ou que já te tenha a meu lado como minha mulherzinha. Ainda melhor será que estejas ao pé de mim, que assim a minha *avózinha* zangar-se-há comigo quando eu não estudar e obrigar-me-hei dessa forma a ser muito estudioso.

A própria avó de Alfredo Guisado citada nesta carta parece estar comprometida com o plano familiar relativamente à formação dos membros mais novos, “[e]nquanto ao estudar, bem sabes que desde que me ralhou a minha avózinha, aquela avózinha que é todo o meu enlevo, tomei juízo e tenho estudado muito, sou talvez (sem exagero), o aluno mais aplicado da faculdade”, dizia em carta à namorada a 11/06/1916. Deste modo, Alfredo Guisado (juntamente com o seu irmão António) será, muito provavelmente, o primeiro Guisado (sendo o primeiro o “mosso de saco” de 1745!) a ter acesso ao ensino superior e finalizar um curso universitário.

Do ponto de vista da sua trajetória social e política, os estudos universitários parecem ser de todo determinantes. Apesar da falta de dados, as cartas enviadas à namorada, nas que, em ocasiões, dá notícias do seu dia-a-dia, permitem-nos reconstruir, em parte, o percurso guisadiano. Neste sentido, todo parece indicar que Alfredo Guisado, já com larga experiência na vida associativa e política (via *agrarismo*, nomeadamente), participa também na vida académica nesta direção, como indicia a carta de 23/01/1917:

Ontem à noite, quando saí da Faculdade de Letras onde reunira a *Federação Académica* como já te tinha dito e na qual eu *sou um dos delegados da Faculdade de Direito*, era já tardíssimo e tanto que, ficou meu cunhado aqui, em casa visto que, como essas reuniões se alongam sempre muitíssimo, calculou que eu me demoraria (itálicos meus)¹¹.

¹¹ Poucos dias antes (a 22/12/1916), A. Guisado justificava a sua ausência com: “Esta noite, como te disse, uma assembleia geral a que fatalmente tenho de assistir, proíbe-me de te ir falar”. Ainda sobre a vida universitária, A. Guisado relata (a 7/07/1918), um episódio em que patenteia a sua atividade estudantil assim como, diga-se de passagem, o funcionamento da universidade *republicana*: “Quanto aos exames vais ouvir uma coisa deveras curiosa. Quando em Outubro último o Augusto fêz exame e lhe fizeram a injustiça que já tive ocasião de te contar quando estavas em Lisboa, o José Perdigão indignado com o que se passara, rasgou o papel onde vinha a decisão. Deu como resultado o Conselho da Faculdade formar-lhe um processo, haver sindicâncias, testemunhas, etc. e a questão, após uma série de episódios que mais detalhadamente te contarei quando falar-

O Alfredo Guisado estudante universitário vai ter perante si um novo espaço de relações, permitindo-lhe ampliar substantivamente a sua rede lisboeta (mais aberta por natureza do que a *das origens*, em princípio), antes constituída sobretudo pelo grupo de amigos do Liceu do Carmo. Esta rede, com novas funcionalidades, vai possibilitar inéditas (em parte) tomadas de posição, no campo político português em particular.

Um indício dos seus *progressos* sociais são os contínuos favores que a namorada solicita nas suas cartas e que vão aumentando progressivamente. O primeiro registo neste sentido data de 29/07/1917: “O noivo [de uma amiga de M. Guilhermina] continua administrador em Gois. Êle desejava ser recebedor e parece-me que há um lugar em Esposende. O assunto é tratado pelo ministério do Interior é aí que tu tens o tal amigo?”. Alfredo Guisado responde (a 1/10/1917):

Procurei o amigo de que te falei, no ministério das Finanças, de cujo Sub-secretário de Estado é secretário, para lhe falar no tal lugar de recebedor em Esposende. Sucede porém que êsse meu amigo só chegará a Lisboa daqui a dias. Volta-lo-hei a procurar e dir-te-hei depois se alguma coisa se poderá arranjar. Apesar de serem coisas do ministério do Interior, pode ser que êle consiga alguma coisas. Do que êle responder comunicarei.

mos, foi levada para o Senado Universitario, acabando por o José ser expulso por 6 meses da Universidade. Os amigos do expulso, entre os quais eu, foram junto do ministro da Instrução protestar energicamente, explicando o que sucedera e o ministro levantou então a sentença que o condenava. Daí os lentes ficarem irritados e mandarem afixar no átrio da Faculdade, ontem, uma espécie de edital, em que avisam os alunos que forem fazer exame de que lhes é absolutamente proibido levarem consigo pasta, livros, apontamentos e até papel, isto é, um rigor e uma vigilância de tal ordem e feitio que nem podes fazer ideia. Que dizer, quem, como eu, se preparou em 6 semanas e não tem segurança na ciência que o acompanha vai ter cólicas desesperadas e vai positivamente jogar à sorte [...] Já várias vezes te tenho contado os processos de que nos servíamos nas provas escritas, agora isso torna-se de todo impossível, pois os lentes vigiarão. Vamos a ver [...] Antes do edital afixado ontem na Faculdade, tinha muitas esperanças, agora tenho, acredita, muito receio.”

Repáre-se, contudo, que muito provavelmente a sua rede lisboeta também se nutre dos *conhecimentos* do pai na capital lusa e, por outro lado, no facto de os Guisado terem o seu negócio principal, o restaurante Irmãos Unidos (local habitual de reunião dos *órficos*) numa das zonas mais transitadas e expostas da cidade, onde, com certeza, teriam ocasião de estabelecer relações sociais diversificadas.

De finais de 1917 data a primeira notícia a vincular de alguma forma Alfredo Guisado com a participação ativa no campo político português; em carta à namorada dizia, com mal disfarçado desdém (a 4/11/1917):

Acabo de chegar a casa [...] cansadíssimo. Imagina que me nomearam para fazer parte da mesa eleitoral desta freguesia e me pediram insistentemente para não faltar tendo lá estado desde as nove da manhã até esta hora, apenas com um curto intervalo de minutos para almoçar. Emfim, é a primeira e creio bem que a última vez que tal me sucede porque não fazes ideia que maçada é uma assembleia eleitoral.

Apartir das escassas referências à política presentes na correspondência citada, são, conforme a década de 10 chega ao seu fim, inequívocas as menções quanto à sua posição ideológica; assim, pouco depois do assassinato de Sidónio Pais, escreve (a 23/01/1919): “Segundo notícias que há pouco tive a República triunfa felizmente e essa carnalada monárquica líquida [...], acabando duma vez p.^a sempre com êsses meninos melancólicos e românticos que ansiavam por essas ruas ameaçando tudo e todos”¹². Nesse ano, 1919, o das primeiras tomadas de posição em sintonia

¹² Em outubro do ano anterior já tinha evidenciado as suas preferências também em carta à namorada (a 15/10/1918): “Foi sufocado, segundo o govêrno afirma, o movimento em que eu tantas esperanças depositava para a restauração da República na nossa querida terra, República que um bando de idiotas arrancou num momento de indecisão das mãos de quem a conservava tal como devia ser. Tenho andado arreliado com a má nova [...] tudo caído por um mal organizado plano ou por uma precipitação. Melhores dias virão porque fomos vencidos mas não esmagados” (sublinhado meu). Estas asseverações, por

com o galeguismo metropolitano¹³, intervém nitidamente na arena política nas filas dos democráticos, iniciando assim uma filiação partidária até praticamente o seu falecimento. Com notória satisfação, nesta direção, comenta à namorada (a 4/09/1919):

Desde segunda feira que se travou uma luta enérgica entre a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa e a *Junta de Freguesia dos Restauradores* de que sou, como sabes, *vice-presidente*. Essa luta era por causa do Rocio [...] Eu puz a questão nestes termos: – ou a Junta vencia ou nos demitiamos. Vencemos. *A minha vitória, a primeira vitória política da minha vida*, tem dado que falar. A Comissão Executiva da Câmara Municipal viu-se obrigada a pedir hoje a sua demissão. Mando-te dois jornais de hoje. ‘A República’ que me entrevistou ontem e o ‘Século’. ‘O Mundo’ tens tu aí e certamente já viste nele. Quando aí eu for explicarei melhor. Tenciono ir para a semana e então te contarei *os meus discursos, o primeiro que durou uma hora e o segundo quási meia*. Emfim, ficamos contentes e com a opinião a nosso lado. (itálicos meus)

Considerações finais

O exposto até aqui sustenta o entendimento da universidade como uma das grandes possibilidades de ascenso social dos filhos da emigração galega – e, de resto, de outros grupos sociais – durante as primeiras déca-

outro lado, não deixam de confirmar a linha ideológica constante, *grosso modo*, em toda em toda a trajetória guisadiana.

¹³ Sinteticamente, entre 1919 e 1923 e mais à frente, realiza funções de intermediário (na *Seara Nova*, por exemplo) entre os galeguistas metropolitanos e a colónia galega de Lisboa. Neste contexto é que publica *Xente d’a Aldea. Versos Gallegos* (Lisboa, 1921), livro de poemas repertorialmente vinculado aos postulados daqueles.

das do século XX, como é o caso de Alfredo Guisado. É, neste e noutros casos, uma fonte principal de capitais para além do económico.

Relativamente ao caso guisadiano, a formação superior, em Direito, parece impulsar uma carreira no campo político gorada, inequivocamente, pelo golpe de estado de 1926. Se, como ficou dito, durante boa parte da década de 10 do século passado, Alfredo Guisado interveio sucessivamente no campo literário em sintonia com o primeiro modernismo português, a partir do ingresso na universidade, a sua dimensão literária vai pouco e pouco perdendo relevância em favor da atividade partidária. Aliás, o seu progressivo afastamento do inicial grupo de *Orpheu* também parece dever-se ao difuso anti-republicanismo de vários dos colegas *órficos*¹⁴ assim como aos receios familiares perante o escândalo público do lançamento da revista na Lisboa de 1915.

Se a dimensão política, conjuntamente com o jornalismo, vai ser central no resto da trajetória guisadiana a partir fundamentalmente das páginas do *República*, a partir de meados do século passado, a coincidir com o crescente reconhecimento de que é objeto Fernando Pessoa e o Grupo de *Orpheu*, Alfredo Guisado intervém no espaço público reivindicando-se de alguma forma como membro de pleno direito do primeiro modernismo português. Além de publicar *Tempo de Orfeu* em 1969 – onde dá notícia d’O ‘*Orpheu*’ por dentro (*história de uma revista literária*), manuscrito escassamente conhecido (cf. Silva, 2017) –, Alfredo Guisado dá em fevereiro de 1973 uma entrevista à RTP, em programa dedicado a Fernando Pessoa, em que é perceptível um certo agrado do entrevistado ao se associar a uma das grandes figuras emergentes – na altura – do panorama literário português.

¹⁴ Lembre-se ao respeito o F. Pessoa d’O *Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar* ou o António Ferro à frente do Secretariado Nacional de Propaganda, por exemplo. Diga-se de passagem que A. Ferro não chegou a ministro do Estado Novo por não ter concluído o curso de Direito.

REFERÊNCIAS

- ALONSO ESTRAVIS, Isaac. (1980). “Un poeta galego desconhecido”. *Grial*, 69, p. 349-353.
- CABO VILLAVARDE, Miguel. (1998). *O Agrarismo*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.
- CAMELO, José António. (1996). “Evocando Alfredo Guisado”. In: *Tempo de Orpheu II*, Santiago de Compostela: Laiovento, p. 7-12 [introdução].
- CASTEX, François. (1971). *Mário de Sá-Carneiro e a génese de “amizade”*. Coimbra: Livraria Almedina.
- GASPAR SIMÕES, João. (1959). *História da poesia portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, p. 491-523.
- GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (2013). “Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal”. In: *Seminário A Emigração na Primeira República*, Fafe: Câmara Municipal de Fafe, p. 73-104.
- LOPES, Óscar. (1973). *História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII. História da Literatura Portuguesa*. Vol. II. Época Contemporânea, Lisboa: Estúdios Cor, p. 715-717.
- LOURENÇO, Eduardo. (1993). *Fernando rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARTÍNEZ TEJERO, Cristina. (2018). “Camões, Mariana Alcoforado ou o vazio. Implicações culturais e identitárias do turismo em Portugal Cristina”. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 40 (1). Disponível em < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/35163/0>> (consultado em 30. 03. 2019).
- MARTINS, Fernando Cabral (coord.). (2008). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. [Lisboa:] Caminho.
- PAZOS JUSTO, Carlos. (2015). *Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico. O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)*. Vilanova de Famalicão: CEHUM/Consello da Cultura Galega.
- PESSOA, Fernando. (1999). *Correspondência, 1923-1935*. Lisboa: Assírio & Alvim [ed. de Manuela Parreira da Silva].
- Santana, Francisco e Sucena, Eduardo (Dir.). (1994). *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Europam.
- SILVA, Manuela Parreira da (Ed.). (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SILVA, Patrícia. (2017). “Alfredo Guisado and the *Orpheu* Affair: Tracing the Magazine’s Reception and Impact through the Távora Archive”. *Pessoa Plural*, 12 (O), p. 287-332.

- TORRES FEIJÓ, Elias J. (2007). “Para umha cartografia da tradução literária entre 1900 e 1930. Portugal em Espanha”. In: *Aula ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 347-372.
- VENTURA, António. (1995). “Relações culturais com a Galiza e a Catalunha durante a I República”. In: *Actas 1.º Cursos Internacionais de verão de Cascais. Portugal e o Mundo – do passado ao presente*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais/ Pelouro da Cultura, p. 255-264.